

## A FEIRA COMO LUGAR DE MEMÓRIA: IMAGEM, PATRIMÔNIO E TRADIÇÃO NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

The street market as place of memory: image, patrimony and tradition at production of geographic space

Fernanda Ramos Lacerda\*  
Geisa Flores Mendes\*\*

\* UESB – nandarlacerda@gmail.com.

\*\* UESB – geisauesb@yahoo.com.br

Recebido em 26/06/2019. Aceito para publicação em 30/07/2019.  
Versão online publicada em 10/09/2019 (<http://seer.ufrgs.br/paraonde>)

### Resumo:

A feira livre resiste no tempo contribuindo diariamente para o fazer da cidade no que diz respeito a produção do espaço. O presente trabalho nasceu de uma pesquisa, ainda em andamento, sobre a produção do espaço geográfico de Vitória da Conquista, situada no Sudoeste da Bahia, por meio da leitura de fotografias da feira do Ceasa na cidade e das memórias dos sujeitos sociais sobre esse espaço. O estudo tem possibilitado a compreensão de como os espaços da cidade vão se resignificando à medida que se desenvolvem atividades culturais, econômicas e sociais, e como a feira reforça as tradições e as relações sociais, tornando-se forte como representação de lugar de memória e como patrimônio cultural material e imaterial da cidade.

**Palavras-chave:** Feira. Lugar. Memória social.

### Abstract:

The street market endures in time contributing with connecting and sharing experiences, more precisely, developing space. This paper was born in a ongoing research about the develop of Vitória da Conquista's geographic space, based on Bahia's southwest, by the interpretation of Ceasa Market photos and memories that individuals have about this place. This study permit comprehension about how spaces in town acquire new reasons and concepts as cultural, economical and social activities are developed, and how this market reinforce traditions and social relations, making itself stronger as a representation of people's memories and as a immaterial cultural heritage of Vitória da Conquista.

**Key-words:** Market. Place. Social Memory.

## 1 Introdução

O termo feira deriva do latim *feria* que significa dia santo ou dia de descanso. Este termo foi atribuído as feiras medievais do século XI quando as pessoas se reuniam em praças para vender ou trocar produtos, muitas vezes resultantes de excedente de produção agrícola, o faziam em dias em que não havia o comércio regular, ou seja, em dias atribuídos ao descanso.

O processo de formação das feiras foi acompanhado de manifestações da população para tentar proporcionar um local onde se acomodassem os produtos oferecidos, disponibilizando-os a um maior número de pessoas, além de vender ou trocar sobras por outras demandas, assim, cada comerciante dispunha suas mercadorias em barracas formando uma célula, um pequeno espaço para abrigar seus

---

produtos e a si mesmo. As diversas lonas estendidas ocupavam o espaço das praças ou terrenos e delimitavam o lugar da feira.

As feiras são fenômenos econômicos e socioculturais, e por apresentar modalidades de comercialização e oferta de produtos bastante diversificada esse modelo se espalhou pelo mundo e chegou ao Brasil.

A feira livre no Brasil constitui modalidade de mercado varejista ao ar livre, de periodicidade semanal, organizada como serviço de utilidade pública pela municipalidade e voltada para a distribuição local de gêneros alimentícios e produtos básicos. Herança em certa medida da tradição ibérica (também de raiz mourisca), posteriormente mesclada com práticas africanas, está presente na maioria das cidades brasileiras. (MASCARENHAS, 2008, p.75)

Esse modelo de feira se espalhou pelo Brasil e atualmente atende cidades diversas, e nesse sentido pode-se citar as feiras como práticas tão antigas quanto o processo de formação das sociedades brasileiras, que, de forma lenta ou não, acompanharam as transformações ocorridas na produção e distribuição dos produtos do campo para a cidade.

Nas feiras brasileiras, sobretudo nas cidades do interior do Nordeste, a multiplicidade na oferta de produtos é imensa, vão desde artesanato, a roupas, artigos para casa, e alimentos como frutas, verduras, legumes e industrializados de diversos tipos, até comidas tradicionais artesanais de diferentes regiões que muitas vezes são encontrados na mesma barraca, o que enriquece ainda mais esse lugar que se convencionou chamar de feira.

## 2 Espaço e lugar: as relações sociais na feira

“A feira é onde eu vivo”. A afirmação da feirante numa conversa informal sobre o que a feira representa para ela, expressa como a produção do espaço por meio das vivências e da contribuição de cada sujeito social seja pelo trabalho, pela cultura, pelas narrativas e pelas modificações materiais ou imateriais, no cotidiano de suas vivências, forma uma teia de relações sociais que dão significado ao espaço-tempo e o configura como lugar. As cidades, sejam elas grandes ou não, abrigam esses espaços. Para Delgado,

As cidades são cristais de múltiplas faces espaciais e temporais, cristais de variadas luzes, entre elas as da memória, que, com sua temporalidade sempre em movimento, reencontra os lugares de ontem com os sentimentos do presente (DELGADO, 2010, p.117).

Esse reencontro dos lugares de ontem com os sentimentos do presente evidencia que os espaços das cidades estão em constante movimento. Esses espaços vão se modificando à medida que as relações sociais são estabelecidas.

Refletir sobre as relações sociais na cidade é voltar-se para o cotidiano, para os

---

lugares onde a vida se desenrola. Para Lefèvre (2006) não há somente um espaço social, mas sim uma multiplicidade de espaços que se envolve em ambiguidade e continuidade, assim como os lugares, que vão se interpondo. A teoria da produção do espaço de Lefèvre considera que só se pode entender os processos sociais por meio da análise dos fazeres da sociedade, ou seja, o que se faz no dia a dia é o que organiza e produz a sociedade e o espaço no tempo, pois o espaço não é estático.

Pertencer a um espaço é dar significado às relações sociais que se consolidam nele. O estudo de um lugar reflete, então, a confluência dos elementos naturais, sociais, econômicos políticos e culturais. Tais elementos interagem de forma dinâmica modelando sobre velhos espaços, novos olhares e vivências no mundo, reestruturando-os como lugar. Esses lugares, imbuídos de subjetividade, de afeto e de memória são reproduzidos diariamente. Para Nora, “[...] a memória perdura em lugares, como a história em acontecimentos” (NORA, 1993, p. 25). O estudo desses lugares de memória<sup>1</sup> e das relações sociais contribui para o entendimento da produção do espaço geográfico.

Ao passo que se desenvolvem atividades culturais, econômicas e sociais as relações sociais são estabelecidas e os espaços se ressignificam reforçando as tradições e as comunidades. Nesse sentido, Mendes afirma que,

A categoria lugar é essencial à análise do espaço geográfico, sobretudo, quando essa análise tem o objetivo de conjecturar sobre a materialidade das relações sociais no processo constante e ininterrupto da produção e organização do espaço geográfico (MENDES, 2015, p. 71).

A aproximação entre as relações sociais e a produção do espaço geográfico se apresenta nas narrativas e histórias sobre lugares. Esses lugares que se apresentam em ordem ou desordem, frutos da configuração socioespacial, são fundamentais para a construção das identidades individuais e coletivas, identidades que se constroem entre vivências e narrativas. Nesse sentido, Relph enfatiza que,

Uma relação profunda com os lugares é tão necessária e talvez tão inevitável, quanto uma relação próxima com as pessoas, sem tais relações a existência humana, embora possível, fica desprovida de grande parte de seu significado (1980, *apud*. FERREIRA, 2000, p. 68).

Esse significado dos lugares do passado remodelados, desgastados e carregados de história e tradição encontram-se e reforçam diariamente os sentimentos do agora, e associados às novas tecnologias, novos olhares nos fazem perceber, como afirma Massey, que o espaço está em constante processo “[...] de fazer-se. Jamais está acabado, nunca está fechado. Talvez pudéssemos imaginar o espaço como uma

---

<sup>1</sup> De acordo com Nora (1993), tais lugares têm o papel de estabelecer laços de continuidade entre o passado e o presente, portanto equivalem à necessidade da preservação das memórias coletivas, sem as quais a vida estancaria num eterno presente. Os lugares de memória configuram-se como tentativas de compensar o que foi ou poderá ser destruído.

---

simultaneidade de estórias até-agora” (MASSEY, 2008, p.29).

A história de cada lugar passa a ser construída sobre essa rede de referenciais repletos de relações que se desenrolam em todas as direções, ela se faz pela síntese de elementos próprios que se relacionam com o mundo externo cotidianamente. É no dia a dia que os costumes são recriados, no cotidiano os traços culturais, os valores e as tradições são repassados. Na permanência das percepções a memória é preservada e evocada com afeto. Como afirma Silva,

É no lugar que se tem dinamicidade, ocorre à experiência vivida, cheia de conteúdo, onde se faz e refaz o cotidiano, onde acontece a reprodução da vida. (privada, lazer, trabalho). Diante da unicidade aparente, falseia-se o peso do lugar, espaço privilegiado das manifestações, das solidariedades, do cotidiano. Reconhece que é no lugar que a vida se realiza em todas suas dimensões (2007, p.6).

Quando essas relações são vividas, estabelecem-se identidades, afloram-se os vínculos afetivos que compõem um caráter único para as diferentes formas de entender as modificações, promovendo rugosidades dentro de um determinado espaço constituído economicamente.

Para Santos, “[...] o espaço, portanto é um testemunho; ele testemunha um momento de um modo de produção pela memória do espaço construído” (SANTOS, 2004, p.173), assim nascem as rugosidades, que são o tempo histórico, incorporado ao espaço. Essas rugosidades também estão presentes nas relações sociais que resistem no tempo.

Dentro das cidades, sejam elas pequenas ou metrópoles, há lugares emblemáticos que promovem rugosidades nas relações sociais e as feiras livres são esses lugares de rugosidades. Nas feiras, as relações de trabalho se efetivam e se refazem historicamente, dessa forma, configuram-se como lugar de memória coletiva e individual. Para Carlos,

São os lugares que o homem habita dentro da cidade que dizem respeito a seu cotidiano e a seu modo de vida onde se locomove, trabalha, passeia, flana, isto é, pelas formas através das quais o homem se apropria e que vão ganhando o significado dado pelo uso. (CARLOS, 2007, p.18).

Nesse sentido, as feiras são marcadas como lugares de encontro, caracterizadas como fenômeno econômico e social. Elas são mosaicos, são espaços em que a multiplicidade se manifesta e se completa. São os lugares onde tudo acontece ao mesmo tempo, numa aparente desordem, mas funcionando em harmonia. Inúmeros mini eventos acontecendo ao mesmo tempo em um só espaço.

### 3 Patrimônio que se refaz em memória e tradição

Inúmeras cidades no Brasil possuem seus processos de formação em torno das feiras. Na cidade de Vitória da Conquista, localizada no Sudoeste da Bahia, a feira também teve seu papel de destaque.

Ponto de encontro de bandeirantes portugueses, a cidade foi rota de passagem entre vilas e cidades maiores na região Sudoeste. A feira realizada na “Rua Grande”, desde 1940, representava um grande acontecimento na cidade em expansão, como pode ser observado na Figura 1 apresentada seguir.

**Figura 1: Feira livre na Rua Grande, município de Vitória da Conquista -1940.**



**Fonte: Acervo do Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista - 2017.**

A feira recebia agricultores e pequenos produtores rurais que viviam em torno da cidade, era o principal lugar onde circulava o dinheiro, a economia, as relações entre campo e a vila, onde se iniciavam os grandes negócios e onde se realizavam as pequenas trocas. Na feira da Rua Grande os fazeres estavam relacionados à economia, à cultura e à vida social, enquanto a cidade crescia.

Ao longo de mais de 70 anos a cidade de Vitória da Conquista cresceu, a estrutura da feira passou por apropriações momentâneas de outros espaços na cidade atrelados às relações sociais de uso. No entanto, sua função econômica e social resistiu.

Com a expansão da cidade e o surgimento de novos bairros, a Rua Grande passou a ser o centro do comércio, a feira que funcionava no centro da cidade passou a receber comerciantes e consumidores de outras regiões. Entre 1983 e 1986 como se observa na Figura 2, houve a construção de cinco pavilhões para abrigar a feira que passou ao patamar de Central de Abastecimento, conhecido como Ceasa, que além de atender diretamente os consumidores, passou a atender também o abastecimento de



feiras menores que surgiram em bairros mais afastados do centro.

**Figura 2 - Construção da Central de Abastecimento em Vitória da Conquista – [1983-1986]**



**Fonte: Acervo do Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista – 2018.**

Mesmo com todas as mudanças espaciais e estruturais, a feira da Ceasa continuou a abarcar as relações entre campo e cidade, as relações de poder e também as relações de afeto, disso a importância, de uma leitura da variedade de elementos que passam pela subjetividade humana, a fim de compreender a feira como lugar de memória e produção do espaço.

Apesar de diversas feiras em inúmeros bairros, a escolha pela feira da Ceasa baseia-se nessa relação histórica com o município de Vitória da Conquista, pois esta ainda constitui-se como a maior feira da cidade refletindo o movimento de diversos grupos sociais e influenciando diretamente o comércio e as relações econômicas e sociais.

A Figura 3, a seguir, apresenta a feira da Ceasa um tempo depois da sua inauguração, que ocorreu em 1986. Pela imagem é possível perceber a dimensão desse espaço, composto por uma estrutura de cinco pavilhões que abrigam pessoas em seus pontos comerciais fixos, demarcados como boxes, e outras que circulam semanalmente em um fluxo constante, compondo uma população flutuante em busca de produtos e serviços, e abriga uma rede de relações pessoais e comerciais.

Figura 3: Feira da Ceasa do município de Vitória da Conquista - 1990.



Fonte: Acervo do Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista – 2017.

Cada pavilhão foi destinado a um grupo determinado de produtos, como carnes, hortaliças, verduras e frutas, biscoitos, queijos e artesanatos e os espaços entre os pavilhões foram destinados a circulação de pessoas e escoamento das águas pluviais.

Contudo, a demanda por mais espaços para a comercialização dentro da feira, fez com que os limites estabelecidos pelos pavilhões fossem extrapolados e resignificados no que se referem a fronteiras, e ocupados a princípio por ambulantes, que posteriormente se fixaram nesses lugares e obrigaram o poder público a fazer nova cobertura.

A construção dessas novas coberturas, ampliando os limites de cada pavilhão alterou a estrutura da feira. Esse aspecto pode ser associado à abordagem de Santos (1985), pois o autor enfatiza a inter-relação de todas as partes que compõe o todo do espaço, como o modo de organização ou construção num determinado lugar.

Essa alteração modificou também a função do lugar, que passou a ser abrigo para os feirantes e fregueses e alterou a forma do arranjo ordenado de objetos inicialmente planejado. Tal reconfiguração reflete a dinâmica do lugar que também foi modificado pela demanda cotidiana.

Dentro da cidade, a feira destaca-se como lugar onde se presencia diversas narrativas de histórias diferentes, possibilitando uma (re)conexão com a memória do lugar. Sobre as feiras Vedana diz,

[...] foi a partir dos espaços de feiras-livres e das relações e interações estabelecidas entre seus frequentadores que passei a me indagar sobre estas formas de vida diversas que compõe a dinâmica urbana, na qual um ato, aparentemente simples, como a compra de alimentos, pode estar

---

carregada de significados que ultrapassam a razão que envolve no que tange a tessitura das relações sociais presentes à sociedade contemporânea (VEDANA, 2004, p.11).

A feira constitui-se de um território com uma temporalidade e uma espacialidade móvel, e é resultante do estabelecimento de várias relações, inclusive as de poder, como os setores formais e informais do comércio.

As ruas ou as praças, ora ocupados pela feira, foram se modificando com o tempo e empurrando o espaço da feira para dar lugar a outras construções, outros fazeres, contudo, mesmo com outros remodelamentos na arquitetura ou na cultura local, a feira ainda está viva, ligando campo e cidade.

É relevante compreender que o espaço formal de consumo está em constante modernização, como supermercados que são padronizados, delimitados, em que se busca a própria representação da feira em bancas de frutas e hortaliças. Mas o espaço da feira – no qual é um feirante que ajuda na escolha da mercadoria a céu aberto – passa por insistente exclusão por parte da demanda capitalista, pois é acusado de não apresentar todos os aspectos de higiene, organização, padronização e visão adequada de comércio, segundo os padrões da modernidade. Em alguns aspectos a imprensa ou a mídia trata a feira de um ponto de vista negativo, como sinônimo de sujeira, insegurança, barulho, transtorno, e do lugar de comércio informal. Mas ainda assim, ela resiste. Mesmo diante dessa pressão mercadológica do capital e da mídia, com propagandas incansáveis sobre os melhores supermercados, as feiras permanecem promovendo cada vez mais dinamismo e movimento.

Para Sá a feira é “[...] um espaço que constitui e caracteriza as ‘franjas’ do capitalismo moderno, crucial em diversos aspectos à continuidade dinâmica de seu funcionamento contemporâneo” (SÁ, 2011, p.41). Mesmo com as transformações ocorridas nas relações trabalhistas, de produção e de comércio a resistência das feiras no tempo está ligada a força das relações sociais, que se caracteriza por um conjunto de comportamentos e de atributos que continuam presentes, enraizados, marcados, comportamentos que muitas vezes se apresentam como tradições.

Os laços que ligam o passado e o futuro são ativados pelo conjunto de práticas que transitam entre os sujeitos sociais que ocupam o espaço da feira. Entre estas práticas estão as histórias contadas em torno do produto, a cultura que o abarca, o sabor, o gosto, as pessoas envolvidas no processo de produção até o consumo do alimento.

Em Vitória da Conquista é possível perceber como a presença da mandioca é relevante na feira, desde a sua comercialização *in natura* até a fabricação de diversos produtos que a utilizam como base. A mandioca passa pelo processo de moagem, vai ao fogo para ser torrada até se transformar em farinha e gomas, que são utilizadas no preparo de alimentos como doces, bolos, caldos, beijus e biscoitos.

As Figuras 4 e 5, apresentadas a seguir, expressam um pouco dessa tradição presente na feira, por meio da forma como este produto, é apresentado ao consumidor.

A Figura 4 apresenta uma fotografia feita em 1978 e a Figura 5 apresenta uma fotografia feita em 2014, as duas foram feitas em feiras da cidade de Vitória da



Conquista em períodos históricos diferentes, contudo, nas duas imagens os produtos são expostos de forma que se assemelham muito, em montes agrupados, amarrados ou não, para que seja vendido aos fregueses.

**Figura 4 – Vendedor de mandioca na Feira de Vitória da Conquista - 1978.**



**Fonte: Acervo do Arquivo Público Municipal, 2018.**

A imagem expressa pela fotografia revela um pouco da dinâmica da feira, é possível perceber como as pessoas circulam com sacolas e negociam os produtos, além da disposição e simplicidade das barracas. Mas o enquadramento fotográfico apresenta, sobretudo, o vendedor de mandioca e a configuração de exposição desse produto de forma agrupada, em montinhos amarrados o que faz com que os fregueses tenham acesso ao produto de forma mais fácil, e este chama a atenção pela forma como está disposto.

Não muito diferente dessa imagem a Figura 5, mostra um vendedor de mandioca também expondo seus produtos de forma selecionada aos fregueses.

Figura 5 - Vendedor de mandioca na Feira de Vitória da Conquista - 2018.



Fonte: Acervo pessoal - 2018.

O cuidado que o vendedor proporciona à raiz da mandioca, ou macaxeira ao selecioná-la e organizá-la em pequenos montinhos para ser vendida demonstra um saber que possibilita ao alimento assumir um lugar de destaque entre as barracas fazendo com que este chame a atenção dos fregueses. Este movimento representa uma tradição na venda do produto, e como afirma Cruz, tradições

São referências passadas que, de algum modo, organizam o presente. Para estar viva, a tradição precisa obter na atualidade sua significação, pois é na ancoragem com o presente que ela adquire sua força, fazendo com que a tradição seja geradora de continuidade. A tradição remete a coletividade não apenas a compartilhamento e transmissão, mas como forma de organizar a memória coletiva (CRUZ, 2017,p.188).

A forma como os feirantes organizam os produtos representados nas figuras está diretamente relacionada com a tradição presente nesse compartilhamento de conhecimentos.

---

O ato de ir à feira tem diferentes significados, que estão ligados às necessidades humanas e que são impregnadas de valores culturais e econômicos, que estão ligadas ao lugar, promovendo rugosidades. Isso reflete na memória social, como ligação entre o tempo passado e o tempo presente na produção do espaço, uma vez que a memória social é também materializada no lugar. Nora afirma que,

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular de nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais (NORA, 1993, p.7).

Nesse sentido, é possível afirmar que a feira constitui-se como lugar de memória na cidade de Vitória da Conquista, pois revela a importância que os diferentes sujeitos sociais atribuem a este lugar. Em entrevista com uma moradora da cidade e frequentadora da feira do Ceasa, ela fala sobre como gosta de ir à feira,

[...] é uma lindeza, eu venho toda semana, não trago carrinho porque impata na hora de passar nos corredores, aí deixo minha feira na barraca dos gêmeos e depois eles me ajudam a levar pro carro. Aqui eu tenho minhas amigas, as meninas dos orgânicos, compro tudo fresquinho (A.S. Março de 2017).

O que esta Senhora vivencia toda semana pode ser compreendido quando Harvey destaca que, “[...] através das rotinas materiais cotidianas nós compreendemos o funcionamento das representações espaciais e construímos espaços de representação para nós mesmos” (HARVEY, 2012, p. 20). Dessa forma, sentimento de pertencimento a um lugar é exposto, sentido, materializado.

Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, no Decreto nº 3551, de 4 de Agosto de 2000, no Artigo 1º, ficou instituído que os bens culturais de natureza imaterial seriam registrados em livros e no mesmo decreto no inciso IV, é instituído o “Livro de registro dos lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas”.

Para Araújo, “[...] as feiras contemporâneas, diante de suas múltiplas características, enquadram-se direta ou indiretamente em todas estas categorias que se configuram como patrimônio imaterial” (ARAÚJO, 2013, p. 6), pois abarcam as principais características distribuídas nesses livros, como os saberes enraizados no cotidiano, as formas de expressão que estão presentes nos fazeres dos feirantes, as celebrações que estão associadas à cultura e comércio de alimentos utilizados em festejos juninos, por exemplo, e como lugar de sociabilidade onde se reproduz práticas sociais coletivas.

Apesar da feira se constituir como espaço de comercialização é também o lugar dos afetos, da comunicação, da espontaneidade, da confiança e da criatividade, e o conjunto dessas manifestações diversas, assim, “a memória busca sempre essa vinculação com um lugar que a consolida, pois é neste que as experiências se materializam” (MENDES e MENEZES, 2015, p.5) e permite à reflexão sobre a produção do espaço.

#### 4 Considerações Finais

Compreender a feira como lugar de memória e relações sociais revela, portanto, a importância dela para a produção do espaço. Durante a pesquisa tem sido possível perceber o sentimento de pertencimento e identidade que revela a importância que os diferentes sujeitos sociais atribuem a este lugar. Foi possível compreender como os espaços da cidade se resignificam à medida que se desenvolvem atividades culturais, econômicas e sociais.

O lugar é onde se processam ligações complexas no meio social, como pertencimento, memória e resignificações. Estas ligações, mesmo estando sujeitas a confirmação da fluidez das relações no espaço tempo líquido da contemporaneidade, imprimem no espaço tempo as permanências e ampliam as fronteiras da existência, assim não permitem o enfraquecimento do sentido de lugar.

O cuidado ao selecionar os alimentos faz parte do trabalho e da tradição na feira, organizá-los, arrumá-los em pacotes, bacias ou agrupá-los para que possam ser vistos, cheirados, tocados e apreciados pelos fregueses é o que estabelece as relações de sociabilidade, e entre os saberes que se propagam e se firmam configura-se uma estética bem particular que vai construindo as vivências, o cotidiano de cada sujeito, constituindo a história e a memória do lugar.

A feira reforça as tradições e as relações sociais, tornando-se forte como representação de lugar na produção do espaço e como patrimônio cultural imaterial da cidade. Santos afirma que “[...] cada lugar é, à sua maneira, o mundo” (2006, p.213), por toda a sua dinâmica social, cultural, econômica e territorial. A feira se constitui, assim, em um espaço de representação do mundo.

#### Referências

ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. **Trajetória histórica conceitual sobre patrimônio imaterial e cultural no Brasil e em Portugal tendo as Feiras como lugar de investigação**. XXVII Simpósio Nacional de História – Conhecimento Histórico e Diálogo Social. Rio Grande do Norte-Natal, 22 e 23 de Julho de 2013, p. 01-22. Disponível em: <file:///C:/Users/Alberto/Desktop/MESTRADO%20GEOGRAFIA/feira%20patrimônio%20Brasil%20e%20Portugal.pdf> Acesso em: Abril de 2017.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 2007.



---

CRUZ, Fabiana Thomé da. (Org.). Valorização dos produtos alimentares tradicionais: os desafios de proteger a diversidade. In. **Estreitando o diálogo entre alimentos, tradição, cultura e consumo**. São Cristóvão: Editora UFS, 2017.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves.(Org.) História oral: memória, tempo, identidades. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 117

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HARVEY, D. O espaço como palavra chave. **Geographia**, Niterói-RJ, vol. 14 nº 28, p. 8-39, 2012.

BRASÍLIA. Decreto nº. 3.551, de 04 de agosto de 2000. Institui o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o programa nacional do patrimônio imaterial e da outras providências. **IPHAN**. Brasília, 2000. Disponível em:

<[http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto\\_n\\_3.551\\_de\\_04\\_de\\_agosto\\_d\\_e\\_2000.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto_n_3.551_de_04_de_agosto_d_e_2000.pdf)> Acesso em: Abril de 2017.

MASSEY, D. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MENDES, Geisa Flores. **Sertão se traz na alma?** Território/lugar, memória e representações sociais. 2009. 250f. Tese (Doutorado em Geografia) – Núcleo de Pós- Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2009.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História**: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, v. 10, 1993.

RELF. Edward. 1980. In: FERREIRA. Luiz Fellipe. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. **Revista Território**. Rio de Janeiro, ano V, n.9, p. 65-83. jul/dez. 2000. Disponível em: <<http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/095ferreira.pdf>> Acesso em: Novembro de 2016.

SÁ, Marcio. **Feirantes**: quem são e como administram seus negócios. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.

SILVA , Mary Anne Vieira. **Cotidiano e Lugar: interpretações conceituais numa leitura geográfica para uma prática de ensino**. Anais: II EDIPE II Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino 4 a 06 de novembro de 2007 – Anápolis – GO. p. 6. Disponível em: <<http://www.ceped.ueg.br/anais/IIedipe/pdfs/cotidianoelugar.pdf>> Acesso em: Novembro de 2016.



---

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão : início - fev. 2006.

MASCARENHAS, Gilmar. **Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea**. p.72-87. Ateliê Geográfico. UFG – IESA, v.2, n.2. Goiânia, ,2008.

MENDES, Geisa Flores e MENEZES, Sônia de Souza Mendonça. Espaço e Memória: conexões e possibilidades pelo viés da categoria lugar. **Anais do XI Colóquio do Museu Pedagógico**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2015, p. 1121-1134. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/cmp/article/viewFile/4995/4791>>. Acesso em 12 de ago. 2018.

MENDES, G. F.; OLIVEIRA. D.P.A.; TEIXEIRA, P.G.G.S.. **Revisitar a memória, pensar o lugar: O mercado de Artesanato como lugar de memória em Vitória da Conquista – BA**. Anais do XI Colóquio Nacional e IV Colóquio Internacional do Museu Pedagógico: Crise, conflitos e conhecimento no mundo contemporâneo. Vitória da Conquista: UESB, 2015. V.11. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/cmp/article/viewFile/4984/4780>> Acesso em: Junho de 2016.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**.ed.2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**.6ª ed. São Paulo: EDUSP, 2004.

VEDANA, V. **Fazer a feira: estudo etnográfico das "artes de fazer" de feirantes e fregueses da Feira livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.